

Relato de Experiência

A vivência da escola Municipal Ary Schiavo na implementação da lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003

Denise Guerra dos Santos

Profª de Educação Física da E. M. Ary Schiavo/Japeri.

Elane Barreto dos Santos Ferreira

Profª de Português da E. M. Ary Schiavo/Japeri

Marta Aparecida Muniz Bento

Profª de História da E. M. Ary Schiavo/Japeri

A Escola Municipal Ary Schiavo, no ano letivo de 2010, mais uma vez mostrou-se atuante na implementação da Lei 10.639/03. Com a segunda edição do Projeto "Japeri mostra a sua cara negra", a escola viabilizou o desenvolvimento das atividades cujo eixo norteador foi à leitura de várias obras de Júlio Emílio Braz, a pesquisa e a prática de danças de matriz africana como o maculelê e a salsa. As obras pertinentes durante todo o projeto foram *O grande dilema de um pequeno Jesus*, *Pretinha, eu?* e *Infância Roubada*, esta última escrita também por Telma Guimarães. As danças de matriz africana, maculelê e salsa, chegaram aos alunos e as alunas através das histórias das mesmas e a valorização da pluralidade cultural e da corporeidade africana tão implicadas nas artes das Américas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade étnico-cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade.

É com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que a escola dá continuidade a segunda edição do projeto. Mesmo com dificuldades e debates acerca das ações afirmativas, a Lei veio fortalecer a construção do conhecimento no que diz respeito aos(as) africanos(as) e toda sua trajetória nas Américas; mas que antes mesmo da Era Cristã, estabeleceram sociedades conhecedoras da escrita, da ciência, da matemática, da agricultura, da arquitetura, dentre outros que se fazem presentes no cotidiano mundial e que ao longo da nossa história negamos que esses povos construíram e constroem conhecimento. O

conhecimento foca-se na ocidentalidade européia e permanecemos repetindo tal presença sem nos remetermos a nós mesmos(as) brasileiros e brasileiras.

Nos primeiros livros, o tema abordado foi o preconceito racial e a luta pela sua erradicação; e, no último, a exploração da mão-de-obra infantil e a oportunidade de sinalizá-la principalmente em relação às crianças afrodescendentes, segundo estudos de Marcelo Paixão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em matéria publicada na *Folha de São Paulo*, em 13/05/2010 e a PNAD (Pesquisa Nacional por amostra de Domicílio) de 2007. A escolha dessas obras de Júlio Emílio Braz foi motivada pela necessidade de se trabalhar, no município de Japeri com população predominantemente negra, ações afirmativas no combate ao racismo e às desigualdades sócio-econômicas tão evidentes em nossa sociedade.

O interesse pela temática foi fundamental para que os alunos e as alunas se sentissem mais atraídos(as) pela leitura, processo importantíssimo no desenvolvimento de ações cognitivas que serão fundamentais no processo de ensino e de aprendizagem. Ao longo do trabalho, foi notável a mudança de comportamento dos alunos e das alunas que se reconheceram nas narrativas e puderam, assim, assumir outra postura diante da vida e dos seus respectivos obstáculos; pois, até então, desconheciam sua própria história e com isso eram confusos sobre sua identidade. Houve a reconstrução da autoestima daqueles e daquelas que se acostumaram com a marginalização decorrente dos rumos traçados pela própria história do nosso país.

Dentre as habilidades trabalhadas, podemos citar produções textuais, danças, leitura das histórias das danças trabalhadas, confecção das fantasias para o maculelê, desenhos, construção de fantoches com materiais recicláveis, confecção das bandeiras dos países que compõem o continente africano, além das manifestações artísticas através da pintura e do bordado, que vinculado aos valores civilizatórios afro-brasileiros promoveu a cooperatividade, o comunitarismo, a ludicidade, a memória, a ancestralidade, tão pertinentes para o desenvolvimento motor, criativo e intelectual dos(as) alunos(as), conforme trabalho desenvolvido na criação de materiais audiovisuais sobre a história e cultura afro-brasileiras encontrados no site www.acordacultura.org.br, que tem por princípio viabilizar a inclusão e a valorização dos africanos e afrodescendentes na construção da História do Brasil.

E mais do que isso, rompeu preconceitos e olhares diferentes de um grupo com o outro, uma vez que todos(as) no *Dia do Bordado* expressaram que destruir os preconceitos é fundamental

para uma sociedade solidária que gere oportunidades aos brasileiros e brasileiras como um todo.

A produção textual aplicou-se nos sétimos, nos oitavos e nos nonos anos do Ensino Fundamental. Nos sétimos, houve a escritura de depoimentos a respeito da história de Felipe em o *Grande dilema de um pequeno Jesus*; nos oitavos, a escritura de uma carta para uma das personagens - Bel, Vânia ou Carmita - do livro *Pretinha, eu?* E, nos nonos, texto de caráter argumentativo vinculado ao Estatuto da Criança e do Adolescente no combate ao trabalho infantil sofrido na ficção por Edi e Eli.

Eis alguns relatos motivados pela seguinte proposta: Com a leitura do *Grande dilema de um pequeno Jesus*, percebi...

“... que o preconceito é coisa que não se faz com ninguém. Não podemos aceitar o preconceito como se fosse algo normal, do mesmo modo que também não podemos aceitar o crime, a injustiça, a corrupção e a violência. Todos frutos do mesmo mal: a ignorância.”

“...que há muitas pessoas racistas e que o racismo é uma coisa muito feia. E, com o ato do racismo, podemos deixar uma pessoa muito triste. E eu vou crescer e ter filhos e netos e vou passar essa história de um menino negro que foi um vitorioso contra o racismo.”

Com a produção da carta, uma aluna do oitavo ano do Ensino Fundamental escreve para a personagem Vânia, que sofre o preconceito racial na escola; e observa-se que, na carta, ela fala dela mesma e ao mesmo tempo consegue buscar forças para lutar contra o racismo incentivando a própria personagem do livro, conforme fragmento abaixo:

“Não ligue porque antes eu era igual a você, andava de cabeça baixa, chorava muito. Mas agora, sou exaltada, porque aqueles que sonham em ver a gente por baixo, vão ver a gente por cima.
Então, nem ligo, sou pretinha mesmo! Jesus está no controle de tudo.”

A cultura corporal afro-brasileira permeada pela corporeidade africana foi evidenciada pelos alunos e pelas alunas nas danças do maculelê e da salsa elaborando conhecimentos sobre as raízes rítmico-corporais brasileiras e minorando preconceitos quanto ao contexto das danças de matriz africana pelo significado das letras e pelos mitos que envolvem.

Com a leitura de fragmentos da história do maculelê pelos(as) do oitavo e do nono ano do Ensino Fundamental: “*Então maculelê não é macumba. Vou mostrar esta história ao meu pai e provar pra ele que são duas coisas diferentes.*” “*As pessoas se enganam quanto às coisas da África e aí, sem saber, mostram preconceito. Temos que dançar e contar estas histórias pra*

todo mundo ver o que estão perdendo.”

As demais atividades já referidas contaram com alunos(as) de diferentes anos de escolaridade; promovendo, desta forma, um trabalho em equipe pautado na integração. Afirma Cavalleiro (2005):

... o silêncio do professor facilita novas ocorrências, reforçando inadvertidamente a legitimidade de procedimentos preconceituosos e discriminatórios no espaço escolar e, com base neste, para outros âmbitos sociais.

A vivência da Escola na implementação da Lei 10.639/03 fez com que os(as) alunos(as) não só reconhecessem mas também resgatassem suas origens e passassem a ter uma nova visão dos seus ancestrais assim como dos variados aspectos culturais oferecidos pelo continente africano; visto que observou-se o quanto é confuso e complicado na cabeça dos(as) alunos(as), falar de racismo: expressado na vergonha, baixa autoestima, baixo rendimento escolar e principalmente o não olhar o(a) outro(a) e a si mesmo(a) como afrodescendente e capaz.

Através da leitura e organização de oficinas pautadas em debates sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, iniciou-se uma mudança de paradigmas e comportamentos. Dentro desse contexto, percebeu-se que os(as) alunos(as) desconheciam a África como continente. Os olhos brilhavam ao perceberem que antes de serem escravos(as) eram sociedades organizadas, reinos, impérios, conheciam a escrita, possuíam uma riqueza artística, técnicas de produção avançadas, uma geografia diversa, uma história ancestral valiosa; surge, desta forma, uma reflexão de que a história não é contada pelo povo que participa da nossa história. E, para selar essa viagem ao mundo literário e lá colocar-se no lugar do outro e passar a enxergar o mundo segundo uma nova ótica, os alunos e as alunas receberam a visita agradabilíssima do autor Júlio Emílio Braz, que prestigiou todos os trabalhos e junto ao corpo discente pode trocar experiências na culminância do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAVALLEIRO, E. (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola*. Eliane Cavalleiro (Org.). – São Paulo: Summus, 2001.

Nosso trabalho filmado pela Globo News:

<http://www.youtube.com/watch?v=d52-jloSIJI>